

Sociedade russa na época da guerra

Visão do psicanalista in loco

Rustam Nabiullin,¹ Moscou

Resumo: Atualmente, a situação política, econômica, social e psicossocial na Rússia está muito tensa, em razão de diversos fatores: invasão militar em outro país, que causou não apenas dezenas de milhares de mortos e feridos, mas a divisão, ou seja, a cisão da sociedade, acarretando uma crise ideológica e de identidade, bem como uma dinâmica psicossocial próxima a muitos processos que sempre podem entrar no foco psicanalítico.

Palavras-chave: Rússia, guerra, fenômenos psicossociais, Ucrânia

Qualquer dinâmica, seja intrapsíquica ou interpessoal, trata de algum relacionamento. Este relacionamento pode ser íntimo ou formal, saudável ou abusivo, de parceria ou codependência. Parece que esta última ilustra da melhor forma a dinâmica psicossocial na Rússia contemporânea, em que o relacionamento entre o Estado, a sociedade e o indivíduo, no contexto da guerra na Ucrânia, está apresentando vários sinais da interação disfuncional e desadaptativa, o que nos convida a fazer uma abordagem psicológica e psicanalítica mais profunda.

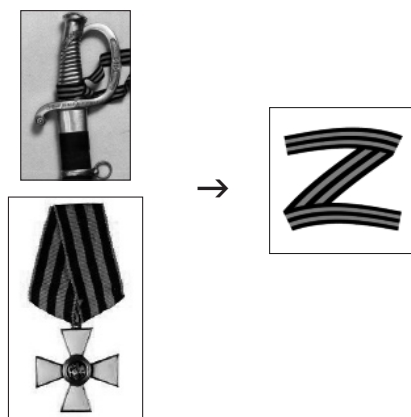
No dia 24 de fevereiro de 2022, o presidente da Rússia, Vladimir Putin, anunciou o início da chamada “Operação Militar Especial”, entendida como a única solução para prevenir o ataque do regime ucraniano, com o apoio do “Ocidente coletivo” (que inclui a OTAN, em geral, os Estados Unidos da América e o Reino Unido, denominados anglo-saxões, em particular), a Polônia e os países bálticos (Estônia, Lituânia e Letônia), que consideram a época soviética como ocupação russa de seus países, a Alemanha, assim como outros países europeus que foram aliados do regime nazista na Segunda Guerra Mundial.

1 Psicólogo, psicoterapeuta, analista de grupo e supervisor graduado no Instituto de Psicologia Prática e Psicanálise de Moscou. Membro da Sociedade de Análise de Grupo de Moscou.

Para explicitar a correlação entre tendências políticas e fenômenos psicológicos e sociais, vou caracterizar os eventos em questão e as respostas dadas a eles do ponto de vista da chamada teoria do relacionamento codependente.

Assim, trata-se do inimigo ou perseguidor generalizado (Johnson, 2021), o salvador único representado pelo presidente que encabeça o governo e o Exército a fim de manter a segurança, soberania, integridade territorial e os valores tradicionais, substituindo simultaneamente conceitos e misturando fatos e situações incompatíveis, ou seja, a situação da Grande Guerra Patriótica² e a invasão na Ucrânia. Esta última é apresentada como um país anteriormente associado ao regime nazista, usado como cabeça de ponte para destruir a Rússia e, finalmente, a vítima coletiva, ou seja, a população russa na própria Rússia e também no território ucraniano, falando o idioma e seguindo as tradições russas, população que prefere buscar razões e argumentos a fim de justificar e concordar com as ações das autoridades russas, mesmo que ao custo da vida de seus filhos.

Originalmente, os objetivos da “operação” foram desmilitarizar e desnazificar a Ucrânia, ou seja, os alvos que, muito borrados e confusos, simultaneamente permitem não se aprofundar na situação, mas dividir facilmente todos em bons e maus e sentir-se fazendo parte de um poder ou uma potência que luta sob o slogan “A nossa missão é justa! Vamos vencer!”, já utilizado pela propaganda soviética durante a Segunda Guerra Mundial. Além disso, estão sendo usados outros símbolos do Exército Vermelho e do Império Russo, em particular, a Fita de São Jorge, composta por um padrão bicolor preto e laranja:



2 Etapa da Segunda Guerra Mundial, de 22 de junho de 1941, quando a Alemanha invadiu a União Soviética, até o dia 9 de maio de 1945, quando o Exército Vermelho tomou Berlim.

No decorrer do tempo, os objetivos foram muitas vezes modificados, houve muitas atividades e decisões, com alteração dos alvos declarados, mas a chamada visão em branco e preto permitia continuar a “operação” sem dúvidas e hesitações da maioria. Nessa medida, mais um conceito é introduzido: a “libertação” das cidades ucranianas dos próprios ucranianos, considerados ocupantes. Conceito, pelo menos, ambíguo, mas muito eficaz para servir, com facilidade, de apoio para a motivação em massa da população russa, enfatizando o papel de salvador do presidente Putin.

Ora, como se sabe, quanto mais educada e inteligente é a população, mais difícil é influenciá-la, apresentando-lhe as ideias e motivos alegados para o desencadeamento da guerra como verdadeiros frutos de argumentação. Desta forma, o público-alvo da propaganda oficial pró-guerra foi e continua sendo a população que habita não as grandes cidades, como Moscou ou São Petersburgo, mas as regiões mais remotas ou menos desenvolvidas do ponto de vista econômico (com desemprego, muito endividamento), cultural (nível médio mais baixo de educação) e social (nível mais elevado de criminalidade, de dependentes químicos, de divórcios etc.). Em outras palavras, no foco da propaganda encontram-se as pessoas para as quais a guerra poderia tornar-se uma oportunidade para melhorar a vida ou, pelo menos, mudar de condição, rompendo com a rotina de desespero, diante do qual a vida, a família, as perspectivas não são valorizadas, ou seja, a mobilização para a guerra, mesmo com o risco mortal, apresenta-se como uma saída do contexto habitual, enquanto a morte potencial parece mais um alívio do que uma perda irreversível.

Por outro lado, são convocados os presos, diretamente das cadeias, onde se realiza o recrutamento com a perspectiva de liberação e reabilitação em casos de crimes pequenos ou médios. Quer dizer, esses homens, se sobreviverem, têm como voltar para a vida normal, com um status de veterano equivalente aos da Segunda Guerra Mundial. Assim sendo, as autoridades aproveitam a situação muito complicada da população, causada, antes de tudo, por elas mesmas, desempenhando, essas autoridades, o papel do perseguidor que atua sob a máscara do salvador.

Além disso, um fato que deve ser mencionado é a impossibilidade de chamar as coisas pelo seu nome. Uma vez que o “comandante-em-chefe” já definiu a denominação, “operação militar especial”, neste caso, quaisquer outras, em particular, “guerra”, “invasão”, “interferência”, “agressão” etc., assim como os conceitos que pressupõem, por exemplo, a “paz” como

antagonista da guerra, são proibidas, e a utilização delas no espaço público, ou seja, na rua, em voz alta ou num cartaz, perante o público num concerto ou numa apresentação, nas redes sociais ou mesmo na escola ou universidade, pode causar uma ação no tribunal, multa e mesmo cadeia.

De acordo com o Código Penal da Rússia, Artigo 280.3, devem ser punidas *as ações públicas para desacreditar a utilização das Forças Armadas da Federação da Rússia com objetivo de defender os interesses da Federação da Rússia e dos cidadãos dela, manter a paz e segurança internacional, realizar os seus poderes pelos órgãos públicos da Federação da Rússia, apoiar as formações voluntárias, organizações e pessoas no que se refere à realização das missões atribuídas às Forças Armadas da Federação da Rússia*. A pena máxima, segundo esse artigo, é de até 7 anos de cadeia, além de multas e a impossibilidade de exercer várias atividades.

Mais um item a ser mencionado é a existência da *liberdade de escolha* na Rússia. Isso significa que, apesar de a propaganda da guerra usar, além da televisão, todos os meios da Internet, e, antes de tudo, as redes sociais, o YouTube etc., as pessoas têm como escolher ao que assistir. Fora os canais públicos, continuam disponíveis os da oposição russa, os canais ucranianos, os americanos e outros.

Assim, as pessoas têm a possibilidade de obter mais detalhes, configurando uma imagem mais completa e diferenciada do que está acontecendo. Claro que não se trata da verdade absoluta, mas de haver opção, pelo menos, de comparar dados de várias fontes, opiniões e pontos de vista. Não existe nenhuma “cortina de ferro”, como na União Soviética de certo período, mas apesar disso muita gente prefere deliberadamente ignorar ideias alternativas ou as rotula como falsas e hostis, convencida de assim ser patriota e estar do lado do bem e da justiça.

Em suma, qualquer fenômeno psicossocial, até mesmo a guerra, pode ser considerado do ponto de vista psicanalítico, sobretudo, quando esse psicanalista situa-se dentro do contexto e tem como observar a dinâmica das subjetividades e da sociedade in loco.

Prefácio

Como prefácio, ou etapa da negação, de acordo com o modelo de Kübler-Ross (1969), vou começar de longe, do dia 8 de agosto de 2008, quando todo o mundo estava assistindo aos Jogos Olímpicos da China. Nesse

mesmo dia o Exército russo começou a fase ativa da chamada “Guerra de Cinco Dias” contra a Geórgia. Não busco aqui apontar de quem foi a culpa, quem provocou e quem deveria se responsabilizar pelo conflito, mas o resultado dessa ação foi que duas regiões da Geórgia tornaram-se independentes, por meio de autoproclamação, e foram reconhecidas apenas pela Rússia e alguns outros países tipo Nicarágua. Então, um país perdeu uma parte de seu território, enquanto outro expandiu para lá sua plena influência, passando a expedir os passaportes para aquelas duas regiões e facilitando a obtenção da cidadania para os moradores de lá.

A confrontação militar durou apenas cinco dias, e não houve milhares de vítimas. Chegou ao fim rapidamente, e, por isso, a comunidade internacional preferiu não prestar muita atenção e esquecer tudo bem depressa, aplicando sanções quase só formais, temendo estragar as relações com a Rússia. Para a população russa isso foi apresentado como uma grande vitória, tendo sido dada proteção aos povos da Abecásia e Ossétia do Sul contra os nacionalistas georgianos, guiados pelos Estados Unidos. Em pouco tempo, os russos voltaram a passar férias na Abecásia, como se não tivesse havido nenhum conflito.

Sendo assim,

$$\begin{aligned}
 & \textit{o resultado rápido militar} \\
 & + \\
 & \textit{propaganda intensa com argumentos confortáveis} \\
 & + \\
 & \textit{comparação da guerra atual com as do passado} \\
 & + \\
 & \textit{manipulação com as emoções baseadas nas tradições, memórias e valores} \\
 & \textit{comuns} \\
 & + \\
 & \textit{população confundida e desorientada, sem grande vontade de esclarecer a} \\
 & \textit{situação que se desenrola bem longe dela} \\
 & = \\
 & \textit{percepção bem desapegada e não envolvida, como se fosse um filme a ser} \\
 & \textit{esquecido imediatamente após a saída do cinema.}
 \end{aligned}$$

Dessa forma, como vai entender tal resposta a autoridade para a qual a agressão militar mostra-se o jeito mais eficaz de consolidar e manter seu poder? Vamos ver!

Com o objetivo de responder a essa pergunta e arquitetar a narração de forma mais clara e inteligível, vou focalizar os três pontos críticos e simultaneamente cruciais da história dessa guerra (do meu ponto de vista pessoal, no momento da preparação deste artigo).

Uma vez que os fenômenos psicossociais frequentemente pressupõem certa ambiguidade ou ambivalência, ou seja, um caráter dual, vamos classificar os eventos a serem abordados de maneiras diferentes, apresentando duas definições, a fim de mostrar como o mesmo fenômeno pode ser apresentado de perspectivas completamente opostas.

1. Crimeia, em 2014: anexação/afiliação

Em fevereiro-março de 2014, a Rússia tomou os centros políticos e bases militares principais da península da Crimeia, sem encontrar qualquer resistência, e em seguida realizou um referendo popular, que aprovou a afiliação do território à Rússia, com o apoio de 96,77% das pessoas consultadas.

Por seu turno, a comunidade internacional condenou a anexação do território de um país por outro, sem reconhecer a península como uma região legitimamente russa, aplicando diversas sanções econômicas contra a Crimeia e o país como um todo.

A sociedade russa também se dividiu, em, pelo menos, dois grupos. Um deles, menor, criticou as autoridades pela violação da legislação internacional, pelo roubo de território do povo irmão, ressaltando a ambição do presidente de elevar sua avaliação política naquela situação econômica difícil, enquanto o grupo majoritário preferiu se distrair dos problemas correntes, deslocando o foco para a atmosfera de triunfo e admiração geral. Nesse contexto, vale lembrar “Psicologia das massas e análise do eu” (Freud, 1921/2011), que traz a formulação de que um indivíduo particular sente-se imperfeito, se está sozinho. O medo que uma criança sente já é uma manifestação do instinto gregário.

Se o evento do Prefácio passou sem grande reação do mundo e foi esquecido relativamente rápido, o caso da Crimeia foi apresentado como um forte tapa na cara do Ocidente coletivo, fazendo com que a atmosfera vitoriosa proliferasse por todo o país. O tema da península apareceu por toda parte: nas camisetas com a imagem de Putin, na difusão de slogans como “A Crimeia é nossa”, na construção da ponte através do Estreito de Kerch.

Na perspectiva psicanalítica, trata-se da racionalização coletiva da agressão, com repressão das consequências potenciais. Além disso, ressurgem tendências orais, anais e fálicas, segundo a teoria psicosexual de Freud (1905). Aspectos orais são revelados na avareza e fome de qualquer sucesso na restauração da grandeza do país, antigo Reino, Império e União Soviética. Elementos anais aparecem na vontade de manter o maior território possível, aproveitando a oportunidade de retomar o orgulho perdido para todos após muitos anos de humilhação. A tendência fálica manifestou-se na demonstração da força e poder, refutando todos os rumores sobre a impotência do Exército russo e respeito mundial do país. Eis como as fixações básicas do povo foram satisfeitas, possibilitando a descarga da tensão acumulada (catarse) e abrindo espaço para a pulsão de morte do lado do perseguidor e da vítima. Então, essa sequência dos eventos levou, entre outros, aos seguintes fenômenos psicossociais.

Poder

Em primeiro lugar, o sentimento de fazer parte ou de pertencer ao poder, a alguma coisa poderosa e grande, por meio da qual posso me sentir mais confiante, protegido e potente, um grande vencedor, sem qualquer contribuição pessoal, mas sim oferecendo consentimento e fidelidade aos chamados árbitros do que é certo política e ideologicamente, do ponto de vista da nação. Nesse contexto, as dificuldades atuais perdem a importância, os sacrifícios obtêm a justificativa, enquanto a humilhação passa a ser a ilusão de respeito e reconhecimento.

Identificação grupal

Identificação com uma imagem generalizada de membro de um grupo social ou comunidade, através da qual se torna possível a aceitação, frequentemente sem análise crítica, dos objetivos e valores em questão. Como consequência, surge o *pensamento grupal*, ou seja, o estilo de pensamento das pessoas que se identificam completamente com um grupo particular (um tipo de pensamento de rebanho). Nesse sentido, a unanimidade torna-se mais importante do que a lógica e o senso crítico.

Difusão da responsabilidade

Se a minha opinião, mesmo que seja incorreta, irracional e errada, é compartilhada e apoiada pela maioria, livre-me de qualquer responsabilidade

particular por quaisquer consequências. Isso leva a uma diferenciação mais baixa, a uma visão em branco e preto, ou seja, a um julgamento muito rígido e rigoroso, do tipo amigo ou inimigo, justificando a agressão, a segregação e o pensamento estereotipado.

A fim de estruturar o processo, cabe assinalar essa fase como *conformidade baseada na submissão da realidade*, ou seja, a condição de subordinação ou aceitação completa, sujeição ao que está estabelecido apresentada como harmonia e unanimidade.

Um dos exemplos mais recentes desse fenômeno aconteceu no dia 1º de julho de 2023, quando no posto de controle da ponte da Crimeia, através do Estreito de Kerch, ocorreu a grande fila (cerca de 13 km) de veículos a serem revistados. Não se tratava do controle reforçado ou o aumento de risco, mas do verão, época das férias, enquanto a Crimeia, apesar de estar próxima à zona de combate, com a construção de fortificações militares, ataques de drones e mísseis ucranianos, continua um local muito popular para a população russa, que prefere não adiar os feriados por causa da guerra. Mesmo que Putin tenha se reunido com seus auxiliares em razão desse engarrafamento, em que foi sugerido transportar os turistas por meio de navios de desembarque ou através dos territórios anexados. Assim, a dita negação fica apoiada não apenas pelos setores da base da população, mas também pelas autoridades, que imaginam soluções bem arriscadas.

A manifestação ainda mais grave ocorreu depois da explosão, quando a ponte foi atacada por “drones submarinos” e, como consequência, foram mortas duas pessoas, cuja filha, de 14 anos, felizmente, sobreviveu (dias depois ela recebe do governo um apartamento e um veículo como indenização). Mesmo essa tragédia não levou nem à interdição da ponte, nem à redução do fluxo das pessoas indo para a Crimeia. E a movimentação continua ainda hoje.

No que se refere ao trabalho psicológico, surgiu, em alguns casos, mais um critério na seleção do psicoterapeuta, se apoia a política oficial ou não. Simbolicamente, trata-se do mesmo fenômeno do poder, o direito de decidir quem é digno e confiável, e quem não. Naquela época afetou muito a proporção do trabalho online com especialistas ucranianos, de um lado, porque não podiam trabalhar com “inimigos”, de outro, por causa do sentimento da culpa e vergonha: como é que posso confiar no psicólogo que tem raiva de mim e me considera agressor e ocupante?

2. Ucrânia, em 2022: invasão/Operação Militar Especial

Em fevereiro de 2022, o Exército regular russo atravessou a fronteira nacional da Ucrânia em vários lugares, começando a chamada Operação Militar Especial, anunciada pelo presidente Putin como resposta ao perigo essencial para a Rússia, como resultado da política ofensiva do regime em Kiev, capital ucraniana, e outros países ocidentais.

A reação da comunidade internacional foi muito mais séria dessa vez, comparada à que se verificou depois dos eventos de 2014: a maior parte dos países desenvolvidos aplicou à Rússia vários pacotes de sanções econômicas bem rigorosas e passou a fornecer armas e munições às Forças Armadas ucranianas nessa guerra.

Nesse contexto, a divisão na sociedade tornou-se ainda mais radical. Era necessário encontrar uma boa explicação para a agressão física, ou seja, a verdadeira guerra, com vítimas mortais, até mesmo as ocorridas entre a população civil, com feridos, refugiados, destruições e sofrimentos, tudo para justificar a invasão, percebê-la como medida obrigatória, com o objetivo de salvar, proteger e libertar, apesar da realidade mostrando o contrário. Do ponto de vista psicológico, voltamos a Freud (1921/2011), constatando que a massa popular é o rebanho obediente que não consegue viver sem o senhor. Tem tanta fome de sujeição, que, instintivamente, submete-se a qualquer um que se proclame o dono dele.

De acordo com um opositor, o caso da Crimeia foi como um teste de QI para a população russa, quando os mais “inteligentes” preferiram deixar o país, prevendo um futuro mais complicado. O caso em que observadores tentando compreender melhor a realidade são confrontados de modo mais intenso é o segundo teste, com indicadores mais explícitos do agravamento da situação, tais como a mobilização militar e novos recrutamentos, a proibição de crítica ao governo e de opiniões dissidentes, a falsificação dos dados sobre as frentes de batalha e o número dos mortos, a migração dificultada ou proibida, a “caça às bruxas” dentro do país etc.

Nesse caso, os mais “inteligentes” livraram-se das últimas hesitações e decidiram mudar-se ou manifestar-se abertamente contra a guerra, correndo o risco de serem presos. Os outros passaram a apoiar a política do governo, aplicando, muitas vezes de modo inconsciente, comparações de lembranças da Grande Guerra Patriótica com a invasão que se imaginava como uma “curta guerra vitoriosa” (conceito usado na Rússia para planejar uma guerra

diversionista, com alta probabilidade de sucesso, como se tinha previsto na véspera da guerra entre a Rússia e o Japão em 1904-1905, quando a Armada do Império Russo foi completamente derrotada), mas descobrindo, em vez disso, tratar-se de uma guerra bem longa, complicada e devastadora.

Tal radicalização na dinâmica geopolítica, aparentemente, levou aos seguintes fenômenos psicossociais:

Polarização grupal

Divergência extrema de ideias, visões, perspectivas e objetivos que deixa as pessoas em dois polos opostos, com pouca ou mesmo nenhuma possibilidade de negociar, ouvir e escutar uma à outra, não se admitindo sequer que a outra parte possa ter um ponto de vista diferente.

Um dos autores soviéticos mais conhecidos, Serguêi Dovlatov, disse o seguinte: “Continuamos criticando sem cessar o camarada Stalin, e, sem dúvida, isso é razoável. De qualquer forma, quero fazer uma pergunta – quem foi que apresentou 4 milhões de denúncias anônimas?” (Dovlatov, 1982/2013).

Isso reflete a tendência social que se desenrola numa situação de ditadura, autoritarismo e outros regimes com monopólio da razão, de aplicar a força e de ser impunível. Atualmente, não temos uma polarização igual à da época soviética dos anos 1930, mas voltaram as denúncias como meio de manifestar-se com adesão à política dos detentores do poder, bem como as acusações de traição à pátria, de ser um agente estrangeiro, de duvidar da certeza que se deve ter quanto à missão em questão.

Desindividualização

Perda ou recusa pelos indivíduos da autoconsciência e do pensamento independente, que se realiza na fusão ideológica e de valores com o grupo dominante, a fim de não se destacarem como sujeitos alheios ou hostis, evitarem criticismo ou rejeição, sentirem-se mais seguros num contexto muito tenso e imprevisível. De um lado, essa postura é mais fácil, porque no âmbito do grupo há certa garantia de anonimato, de outro lado, qualquer desvio do curso principal pode trazer muitas dificuldades.

Além disso, a reação às perdas (econômicas, políticas, materiais e mesmo humanas) torna-se mais neutra e banalizada: a morte de um desconhecido não significa nada, a morte de dezenas de milhares sem me tocar não leva a qualquer dúvida ou hesitação, a morte de um dos meus

familiares ou de mim mesmo apresenta-se como o destino ou o dever essencial perante a pátria.

Contágio emocional

Originalmente, é uma tendência a imitar automaticamente e sincronizar-se com a expressão facial, a postura, a entonação e os movimentos que levam à proximidade emocional com outra pessoa. No contexto em questão, observa-se a aspiração de perceber uma situação perigosa e irracional como se fosse absolutamente razoável, explicada por boa argumentação e com sucesso garantido, apesar de muitos comprovantes do contrário. Nesse caso, o contágio emocional manifesta-se na raiva impiedosa aos inimigos e na tranquilidade inabalável diante de todos os fracassos e expectativas injustificadas. “Tudo está andando, de acordo com o plano” (Letov, 1988) – como se cantava numa canção bem conhecida dos últimos anos da época soviética.

Essa fase pode ser denominada conformidade da introjeção e projeção, ou seja, quando um indivíduo ou grupo pequeno torna-se sujeito à influência (gerada pela forma de propaganda, terminologia usada, pelos padrões aplicados etc.) do grupo dominante, que apresenta seu interesse como sendo o da maioria. Tal conformidade pode revelar-se tanto no apoio direto, como na posição neutra ou na abstenção dos processos correntes, ou seja, assumindo a postura de não resistente. Ambas as opções são consideradas consentimento.

No entendimento psicológico, é possível pensar no poder simbólico de compra da população. Quanto menor o poder de compra dela, mais simples, primitivas e superficiais são as ideias a serem vendidas. Nesse contexto, o nível da demanda ideal coletiva determina a qualidade das ideias. Assim, quanto mais simplificado o produto requerido, ou seja, mais em branco e preto, sem tons adicionais, com oposição mais clara e aguda, do tipo “nós” e “eles”, com confrontação inevitável, mais fácil é projetar todo o ódio, a raiva e as ameaças para fora, permanecendo em tensão permanente e com apenas um modo de descarga, i.e., a violência baseada na ignorância e no desamparo aprendido.

Psicanaliticamente, observa-se manifestação ainda mais forte da pulsão de morte, a qual, no âmbito projetivo, permite matar para não ser morto, sem considerar as perdas. Assim, é o medo da aniquilação que me aproxima, em vez de me afastar dela.

Claro que houve alguns efeitos na vida real e na prática profissional. Quando foi anunciada a convocação militar, com possibilidade de receber a notificação em qualquer lugar e ser encaminhado para a Ucrânia, passei a trabalhar com os clientes de forma online. Uma de minhas pacientes reagiu a essa alteração bem negativamente, porque preferia o modo presencial, estava se acostumando ao valor da sessão, recentemente elevado, e estava apoiando a invasão militar e pessoalmente o presidente russo. Assim, meu afastamento foi percebido como traição, covardia e falta de masculinidade. Ela pensou que eu já tinha partido do país, sem esclarecer o contexto em que me achava. De minha parte, não revelei que permanecia na Rússia a fim de explorar melhor as projeções dela, mas não tive muito tempo para isso, porque a paciente parou com a psicoterapia.

De outro lado, trabalho, de forma remota, com clientes russos de outros países que migraram por causa da guerra, por exemplo, aos Estados Unidos, à Turquia, ao Canadá etc. Ninguém me perguntou sobre a minha intenção de permanecer ou partir, mas, quando repararam que o fundo atrás de mim mudou, que passei a pedir que o dinheiro fosse transferido para um banco brasileiro, manifestaram-se bem interessados e felizes por “estarem em uma onda com o psicoterapeuta”, mantendo-se com uma percepção de realidade muito parecida.

Outro exemplo decorre de minha prática no Centro de Reabilitação Traumática. Nos primeiros dias da convocação anunciada, um colega meu avisou-me de que iria demitir-se para ir embora do país. Sendo o chefe dele no Serviço Psicológico, perguntei-me se eu teria como garantir a segurança dele lá, esperando que ele não fosse recrutado e encaminhado para guerra. Claro que não teria, por isso aceitei a intenção dele, embora fosse muito difícil perder tal especialista. Depois foi a minha vez de ter uma conversa com a diretora geral da Clínica, em cujas dependências ela me ofereceu ficar morando, para me sentir mais seguro. Mas para mim a prioridade era bem clara, ou seja, ter a segurança garantida, pelo menos, em relação à guerra.

Ao mesmo tempo, outros colegas continuavam trabalhando, alguns deles foram para outros países por um mês, depois voltaram, outros acreditam ainda hoje que nada de mal lhes vai acontecer, e, só no caso de convocação, vão fugir ou vão “defender a pátria”, descrendo em qualquer risco ou perigo. Isso me faz lembrar o seguinte: um dos fatores principais de mudança no regime autoritário é a crença no milagre. Deverá acontecer um milagre para sobreviver, para vencer, para ganhar etc. Assim, o pensamento

mágico, que pode explicar e justificar tudo, está se popularizando intensamente na população, e ela aceita com prazer a oportunidade de não ser responsabilizada.

3. Rússia, em 2023: motim militar/Marcha da Justiça

Não há muita necessidade de explorar os motivos da confrontação entre o comandante da empresa militar privada “Wagner”, Evguêni Prigojin, e o Ministério da Defesa da Rússia, que levou ao maior “motim militar” (como foi chamado oficialmente pelo governo) ou “Marcha da Justiça” (o nome dado pelo comandante mencionado), porque o mais curioso é a reação da sociedade ao fato de que alguns milhares de homens armados (não apenas com armas de fogo, mas também com tanques, meios de defesa antiaérea etc.) conseguiram tomar várias grandes cidades sem qualquer resistência, percorrer uma distância de cerca de 700 km em quase dois dias no interior do país, parando a 200 km de Moscou. E essa reação foi surpreendentemente positiva.

O grupo “Wagner” revelou que as autoridades não possuem o monopólio da violência, que existe outra força capaz de discordar da ideologia oficial, manifestar-se explicitamente sobre isso, e ficar sem receber punição. Naquele contexto, o comandante apresentou-se como um libertador (ou o chamado demônio trapaceiro, um protagonista que traz, de forma inesperada, confusão e caos à vida dos heróis principais, por exemplo, Loki, da mitologia escandinava) que poderia trazer a ordem, derrubar o poder odiado e levar o país de volta à vida normal. Mas o espetáculo acabou bem rápido, e a ambição de mudar alguma coisa murchou junto com a marcha. Assim, cada prestígio depende do sucesso e some depois dos fracassos (Freud, 1921/2011).

Assim, surgiu uma ameaça verdadeira ao modo de vida já estabelecido, mas, em vez de se levantar para protegê-lo, a maioria só fica à espera, assistindo como se fosse a um espetáculo, ou mesmo apoia a rebelião com sua neutralidade, racionalizando a mudança brusca da condição. Dessa forma se revela a conformidade de racionalização compartimental ou mesmo esquizoide, quando um indivíduo encontra ou cria, de modo consciente ou inconsciente, argumentos e explicações para tolerar qualquer coisa, cindindo a realidade em uma parte confortável e suportável (mágica) e uma oposta, realística e requerendo mais consciência. É como acontece a escolha da compartimentalização coletiva em vez da mentalização.

A história desse motim acabou em alguns meses, no dia 23 de agosto de 2023, quando o avião que levava o líder do grupo, junto com vários comandantes principais, foi abatido na Rússia, sem sobreviventes. Não houve um grande funeral, manifestações de comemoração ou monumentos em honra. Em termos da memória popular, ele sumiu da agenda, como se nunca tivesse existido. É assim que a autoridade pode eliminar qualquer rival a fim de manter o poder e o monopólio de força, violência e razão.

Por conseguinte, articula-se a fórmula da percepção não envolvida. Parcialmente, parece com a frase de Martin Niemöller, pastor luterano alemão da época da Segunda Guerra Mundial, que disse o seguinte:

Quando os nazistas levaram os comunistas, eu me calei; afinal de contas, eu não era comunista.

Quando eles prenderam os social-democratas, eu fiquei calado; eu não era social-democrata.

Quando eles levaram os sindicalistas, eu fiquei em silêncio; eu não era sindicalista.

Quando eles vieram por mim, não havia mais ninguém para protestar.

No caso do cidadão russo médio, aparentemente não há a aposta de que venham por eles, ou imaginam que, se isso acontecer, terão sorte para então escapar, ou atuarão de acordo com o destino inevitável. Antes disso, no entanto, pretendem continuar a vida normal, assistindo às notícias, sem imaginar que os sinos dobram por eles. Ora, qual é o melhor jeito de se proteger do Perseguidor? Do ponto de vista da Vítima, é contar com a atuação de um Salvador.

Apresentamos a seguir um breve resumo de possibilidade interpretativa para tais situações:

Geórgia: O presidente é o vencedor e protetor, o povo é de novo respeitado, com dignidade e orgulho, o inimigo foi derrotado de forma rápida e explícita. Até certo ponto, tornou-se a base para o futuro status do salvador (quase do mesmo jeito aconteceu a subestimação do Exército da Alemanha nazista após a “vitória” na guerra entre a União Soviética e a Finlândia, em que a URSS formalmente venceu, mas com perdas enormes).

Anexação da Crimeia: O regime ucraniano é o perseguidor, o povo russo na Ucrânia é a vítima, o presidente é o salvador; o povo russo na Rússia tem na mente o que ocorreu na Geórgia, por isso não tem motivos

para resistir e protestar ativamente, mordendo a isca da propaganda que usa manipulações históricas.

Invasão da Ucrânia: O “Ocidente coletivo” é o perseguidor pronto para atacar e destruir a Rússia, o povo russo é a vítima com apenas uma opção para se salvar, o presidente é o libertador que passa a ser o Salvador, a Estrela-Guia e o Anjo da Guarda para todo o mundo, apesar de tudo.

Motim: O Grupo “Wagner”, um tipo de demônio trapaceiro, denuncia o poder do salvador, descobre quem é o verdadeiro perseguidor, mas não se torna ele mesmo o salvador, assim o povo-vítima volta para o conformismo que se manifesta no ciclo de negação/repressão, projeção/introjeção e compartimentalização (McWilliams, 1994/2011), assim como outros mecanismos defensivos que mantêm a ilusão de estabilidade, tranquilizando as sensações que vêm com a fobia de mudanças e imprevisibilidade.

Conclusões

A dinâmica do corrente conflito e da resposta a ele mostra que as pessoas mantêm-se na dor, sofrimento e ansiedade conhecidos, em vez de se engajarem em uma tentativa de transformação. Essa preferência pela estabilidade que se busca como segurança e sobrevivência, na realidade, aparece como uma armadilha do contexto manipulador que assusta para proteger, deixando pessoas na posição de vítima, alheias à responsabilidade e temerosas de perder tal proteção. Quando aparece uma oportunidade de alterar a realidade estabelecida, parte da população prefere deixar tudo da mesma maneira, acostumada a acreditar que o risco vai passar por ela, que será bem-sucedida caso precise enfrentá-lo, ou que não terá outra solução, no caso de sofrer ou mesmo morrer. Assim, trata-se de um tipo de balanço entre a sorte e a fatalidade, sem possibilidade de influência sobre a situação. Na tensa responsabilidade de fazer prognósticos e avaliar os riscos para ser capaz de escolher como se adaptar às novas circunstâncias, é preciso lidar com o medo e a ansiedade da incerteza. Em termos psicanalíticos, poderíamos imaginar o cenário em que os pais abusivos provocam e mantêm várias marcas e fixações da criança, usando-as como ferramentas para controlá-la, influenciá-la e direcioná-la, de acordo com seus próprios desejos.

No livro *Spin dictators* (Guriev & Treisman, 2022), cujo título pode ser traduzido como “Ditadores de manipulação”, é abordada outra modalidade de ditadura, típica do século 21, que usa diversos meios de fraude

para manter o poder, controlar o povo e se permanecer com avaliação alta, ainda que a vida da população se torne cada vez pior. O “spin dictator” é oposto ao ditador que se apoia no medo, que aplica repressão e violência diretamente. Nesse contexto, cabe sugerir o conceito complementar de “spin victim”, ou seja, vítima de manipulação ou fraude. É a “vítima” cujos principais mecanismos defensivos são o foco em seu chamado Umwelt, ou seja, seu mundo limitado que abrange necessidades quotidianas, de acordo com o modo de vida habitual; indiferença e não envolvimento nos assuntos práticos e estratégicos, com obrigações e responsabilidades estratégicas; e a fantasia ou ilusão de ter outra pessoa, mais sábia e competente, que cuide disso tudo por ela.

Sugiro que uma tendência semelhante está se desenrolando na Rússia não apenas como posição infantil ou indiferente, mas também para integrar na mente os traumas do passado não processados. Os eventos históricos traumáticos não metabolizados encontram as atuais mentiras e distorções desses fatos históricos, o desamparo corrente do presente reforçado com hábitos e tradições, de um lado, e legislação rigorosa, de outro, e, finalmente, a ansiedade com relação ao futuro, resultando na imprevisibilidade que força à submissão ao destino.

La sociedad rusa en tiempos de guerra: la mirada del psicoanalista in loco

Resumen: Actualmente, la situación política, económica, social y psicosocial en Rusia es muy tensa debido a varios factores: la invasión militar de otro país, que provocó no solo decenas de miles de muertos y heridos, sino la división o la escisión de la sociedad que condujo a la crisis de ideología e identidad, así como dinámicas psicosociales cercanas a muchos procesos que permanecen siempre en el enfoque psicoanalítico.

Palabras clave: Russia, guerra, fenómenos psicosociales, Ucrania

Russian society at the time of war: view of the psychoanalyst in loco

Abstract: Currently, the political, economic, social and psychosocial situation in Russia is very tense due to several factors: military invasion of another country, that caused not only tens of thousands of deaths and injuries, but the division or even splitting of the society that led to the ideology and identity crisis, as well as psychosocial dynamics similar to many processes that always appear in the psychoanalytical focus.

Keywords: Russia, war, psychosocial phenomena, Ukraine

La société russe en temps de guerre: regard du psychanalyste in loco

Résumé : Actuellement, la situation politique, économique, sociale et psychosociale en Russie est très tendue en raison de plusieurs facteurs: l'invasion militaire d'un autre pays, qui a causé non seulement des dizaines de milliers de morts et de blessés, mais la division ou la scission de la société qui a conduit à la crise d'idéologie et d'identité, ainsi que les dynamiques psychosociales proche de nombreux processus qui restent toujours au centre de l'attention psychanalytique.

Mots-clés : Russie, guerre, phénomènes psychosociaux, Ukraine

Referências

- Dovlatov, S. (2013). *The zone*. Alma Classics. (Trabalho original publicado em 1982)
- Freud, S. (1905). Three essays on the theory of sexuality. *Standard edition* (Vol. 7, pp. 124-248). Hogarth Press.
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do Eu. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 15, pp. 13-113). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921)
- Guriev, S. & Treisman, D. (2022). *Spin dictators: the changing face of tyranny in the 21st century*. Princeton University Press.
- Johnson, R. S. (2019). Codependency and codependent relationships. *BPDFamily* [site]. 16 mai. Disponível em: <<https://bpdfamily.com/content/codependency-codependent-relation-ships>>. Acesso em: 24 set. 2023.
- Johnson, R. S. (2021). Escaping conflict and the Karpman drama triangle. *BPDFamily* [site]. 4 jan. Disponível em: <<https://www.bpdfamily.com/content/karpman-drama-triangle>>. Acesso em: 24 set. 2023.
- King, D. (2020). *Six days in August: the story of Stockholm syndrome*. W.W. Norton.
- Kübler-Ross, E. (1969). *On death and dying*. Macmillan.
- Lancer, D. (2014). *Conquering shame and codependency: 8 steps to freeing the true you*. Hazelden, pp. 63-65.
- Letov, E. (1988). "Tudo está andando, de acordo com o plano" [título traduzido]. Grajdanskaia Oborona [banda].
- McWilliams, N. (2011). *Psychoanalytic diagnosis*. The Guilford Press. (Trabalho original publicado em 1994)
- Morgan, J. P. (1991). What is codependency? *Journal of Clinical Psychology*, 47(5), set., 720-729.
- Rusnáková, M (2014). Codependency of the members of a family of an alcohol addict. *Procedia – Social and Behavioral Sciences*, 132, mai., 647-653.
- Vaillant, G. (1977). *Adaptation to life*. Little Brown.

Rustam Nabiullin

Rustam Nabiullin

rustamshrink@gmail.com

Recebido em: 11/8/2023

Aceito em: 19/9/2023